

## 16. "Para que a minha alegria esteja em vós"

"Como o Pai me ama, assim também eu vos amo. Permanecei no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, como também eu guardei os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor. Disse-vos essas coisas para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa" (Jo 15,9-11).

"Permanecei no meu amor... para que a minha alegria esteja em vós".

Jesus gostaria muitíssimo de partilhar conosco o que Ele mesmo tem de mais precioso, de mais pessoal, de mais Seu: o amor e a alegria. Amor e alegria: o que tem o homem de mais precioso do que isso? O amor e a alegria são o tesouro de cada homem, do rico e do pobre. O pobre tem a vantagem de ter apenas esse tesouro, o que o torna ainda mais precioso para ele. Mas muitas vezes as condições de miséria e perigo sufocam a alegria dos pobres e também o seu amor.

O tesouro do amor e da alegria de Cristo resiste a um confronto com a pobreza quando ela significa miséria, doença, experiência de hostilidade, de rejeição, de desprezo, de guerra, de fome, de abandono? A alegria de Cristo resiste ao desafio da dor, ao desafio do ódio, ao desafio da morte? Esta é a pergunta que eu me fazia desde o início das nossas meditações. É possível uma alegria quando dentro dela se encontram todas as razões não só para não se alegrar, mas também para não amar?

Vem-me sempre em mente, em *Diário de um Pároco de Aldeia*, de Georges Bernanos, o cume da crise interior do jovem sacerdote, quando se dá conta de estar entrando em uma insensibilidade para com tudo e para com todos, sem compaixão, que o isola da humanidade sofredora:

"Esforço-me em pensar em angústias parecidas com a minha. Não sinto nenhuma compaixão por aqueles desconhecidos. A minha solidão é perfeita, e eu a odeio. Nenhuma piedade para mim mesmo.

Se eu não devesse mais amar!

[...] O que eu não daria para sofrer! Até a dor me refuta: a mais habitual, a mais humilde, aquela do meu estômago. Sinto-me horrivelmente bem.

Não tenho medo da morte, ela me é tão indiferente quanto a vida: e esta é uma coisa que não se pode exprimir.

Parece-me que refiz contra a corrente todo o caminho que percorri desde que Deus me tirou do nada. No começo eu fui apenas essa faísca, esse grãozinho de pó abrasado pela caridade divina. Não sou de novo nada além disso, na Noite insondável. Mas o grão de pó quase não se abrasa mais, está prestes a apagar-se" (Georges Bernanos, *Diário de um Pároco de Aldeia* [tradução nossa]).

São Paulo escreve aos Coríntios: "Não porque pretendamos dominar sobre a vossa fé. Queremos apenas contribuir para a vossa alegria, porque, quanto à fé, estais firmes" (2 Cor 1, 24). Nunca seremos "colaboradores da alegria" dos outros sem nos deixarmos interpelar diretamente pelo desafio do mal que aparentemente vence, sobretudo os mais fracos, os indefesos, os inocentes.

É claro que há uma luta pela justiça, uma defesa dos fracos e dos indefesos da qual não podemos escapar, dentro dos limites de nossas possibilidades. Mas sabemos que

o desafio para nós é mais profundo, está em um campo de batalha que se encontra em um espaço da realidade humana mais profundo do que o que se vê e se ouve.

São Paulo explica isso sem rodeios na carta aos Efésios:

"Finalmente, irmãos, fortalecei-vos no Senhor, pelo seu soberano poder. Revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do demônio. Pois não é contra homens de carne e sangue que temos de lutar, mas contra os principados e potestades, contra os príncipes deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal (espalhadas) nos ares" (Ef 6,10-12).

Quão consistente, verdadeiro, poderoso deve ser, então, a força de bem, de verdade, de beleza, de alegria que possa vencer esta batalha! Vencer como consolação, como proposta de Cristo que vence este "mundo tenebroso" no qual tantos corações estão imersos. A fé faz-nos conhecer e crer que Cristo "desceu ao inferno", o Cristo que acabara de morrer, mas que, como o expressa o Prefácio da Vigília pascal, "morrendo destruiu a morte". É importante responder à procura de vida e de alegria que tacitamente ou raivosamente surge daqueles que se encontram aprisionados no "mundo tenebroso", como Dante na floresta escura, e não só não sabem como sair dela, mas acreditam que não podem mais sair, que esta floresta escura seja toda a realidade.

Devemos ter consciência de que muitas vezes somos chamados a ser colaboradores de uma alegria que não existe, que se apagou, que foi sufocada. Quantas vezes nos deparamos com pessoas que sofrem e que, justamente, não suportam palavras de consolo, teóricas, que passam por cima de seu sofrimento sem penetrá-lo, sem saber penetrá-lo como a chuva da primavera consegue embeber delicadamente o solo endurecido pelo inverno. No entanto, é exatamente a elas que devemos levar a alegria de Cristo. Somente a alegria de Cristo, não a nossa ou aquela que tentamos suscitar nelas, pode consolar a dor que não pode ser estancada, o sofrimento irreparável como a morte. Porque a alegria de Cristo é uma alegria pascal, uma alegria que ressurge mesmo quando o mal, o sofrimento, o pecado, a morte prevaleceram, já levaram tudo embora.

Se somos chamados a colaborar para a alegria dos outros, não é na alegria deles que devemos pensar, mas na alegria de Cristo neles, em nós e neles. Somos chamados a ser colaboradores da alegria de Cristo.

E isto significa algo fundamental que frequentemente nós, religiosos, ou pastores e sacerdotes, esquecemos: a nossa colaboração não se dá antes de tudo com as ovelhas, com quem nos foi confiado, mas com Cristo, com Deus. Somos chamados, sim, a ser colaboradores da alegria de todos, mas antes que com todos, a colaboração é com o Senhor.

Esta é uma inversão de perspectiva que, se a aceitássemos, se a vivêssemos, tornaria muito simples a nossa tarefa e ministério, a nossa missão ou o nosso acolhimento e, ao mesmo tempo, os tornaria eficazes, fecundos.

Acima de tudo, é evidente que não se colabora com a alegria de Cristo sem colaborar com o seu amor, sem colaborar com o Espírito Santo. Por isso, o importante é não perder de vista aquilo que Jesus nos pede para permanecermos no seu amor. Porque é este o segredo da alegria cristã, a nossa e aquela dos outros, a nossa junto com os outros.